

Sobre a questão Filosófica de Deus e da Carnalidade em Merleau-Ponty¹

Patrícia Mara Rodrigues Silva²

Resumo: Com a finalidade de evidenciar uma afinidade entre as questões filosóficas e aquelas relacionadas ao cristianismo como experiência da encarnação de Deus, o presente texto apresenta uma investigação acerca da questão filosófica de Deus, em relação com a carnalidade, pela perspectiva do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Partimos da análise sobre o problema do absoluto identificado nas ontologias clássicas, de modo a esclarecer como a questão filosófica de Deus estaria presente, de forma latente, na produção madura do autor, isto é, em sua filosofia da carne.

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Cristianismo. Deus. Carne. Ontologia.

INTRODUÇÃO

Por que Merleau-Ponty em Filosofia da Religião? É uma pergunta proveniente de um estranhamento compreensível que pode ocorrer ao se trazer, para a linha de pesquisa da Filosofia da Religião, o pensamento visivelmente laico de Merleau-Ponty. Conquanto, a realização desta pesquisa pôde ser justificada ao se evidenciar uma profunda afinidade existente entre a ontologia carnal desse autor, e a perspectiva cristã da encarnação. Tal cognição pode ser identificada ao dedicar-se a procurar, dentre a produção do autor, por pistas muitas vezes encontradas em referências constantes, por exemplo, a Gabriel Marcel, Paul Claudel, Pascal e até às próprias escrituras judaico-cristãs. Portanto, a linguagem religiosa e as questões do cristianismo aparecem explicitamente muitas vezes, porém, fragmentadas em pequenos textos e trechos de sua produção. A partir da reunião e articulação de tais fragmentos, torna-se possível articular elementos suficientes para se levantar a hipótese de que mesmo aonde não aparecem, explicitamente, as questões do cristianismo, elas estão presentes de forma implícita, principalmente, em sua ontologia, isto é, na sua filosofia madura: *a filosofia da carne*.

O presente artigo, portanto, faz o convite a se reconhecer a filosofia de Merleau-Ponty como uma filosofia profundamente sensível à dimensão religiosa cristã, a ponto de tornar

1 O presente artigo tem o objetivo de expor a conclusão da nossa pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, na linha de Filosofia da Religião, sob a orientação do Dr. Nilo Ribeiro Junior e a coorientação do Dr. Marco Heleno Barreto. A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 0001.

2 Mestre em Filosofia (2020) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Especialista em Arte e Contemporaneidade (2011) e Bacharel em Artes Plásticas (2008) pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Orcid.org/0000-0001-5678-9467. E-mail: patriciamarars@gmail.com.

possível o levantamento da hipótese de que a sua *filosofia da carne* carrega uma íntima relação com a encarnação pensada na perspectiva do cristianismo.

Para o cumprimento dos objetivos, foi feito um recorte metodológico sobre a produção do autor ao selecionarmos textos escritos após 1953. Deste modo, o leitor encontrará, principalmente, referências à obra *Signos* (1991), publicada em 1960, à *A Natureza* (2000), que são notas de um curso ministrado entre 1956 e 1960 e à *O Visível e O Invisível* (2019), uma obra incompleta publicada postumamente em 1964. A articulação da proposta se faz junto às análises de importantes comentadores como, Xavier Tilliette e, principalmente, o francês Emmanuel de Saint Aubert, que apontou, em seu artigo “*L’incarnation change tout*” *Merleau-Ponty critique de la “théologie explicative”* (2008), para o principal foco de nossa pesquisa: um ponto em comum entre as buscas filosóficas de Merleau-Ponty e do cristianismo, pois, segundo Saint-Aubert, ambos persistiriam tanto na crítica aos ídolos, quanto em levar a fundo a encarnação. Ou, ainda, podemos dizer, de se fazer a crítica aos ídolos ao se levar a sério a encarnação.

Doravante, será apontado como a ontologia deste autor, ao reconhecer o caráter filosófico do mistério de uma invisibilidade própria da visibilidade, tanto do mundo sensível, quanto do mundo da linguagem, estaria fundamentada sobre os paradoxos de uma filosofia cristã. Em suma, em outras palavras, reitero que a hipótese investigada na pesquisa e apresentada neste artigo é a de que a *filosofia da carne* de Merleau-Ponty é constituída do tecido de uma forma de filosofia cristã, e não é sem intenção que ele o faz.

1 O QUE DIZ A FILOSOFIA DA CARNE?

Em sua ontologia, Merleau-Ponty defende que há apenas um mundo e um ser que carrega a positividade e a negatividade nele mesmo. Assim, ele fala de uma eternidade existencial que não é fixa ou imóvel. Ele procura por uma ontologia fenomenológica, em suas palavras, do “*sempre novo e sempre o mesmo*” (MERLEAU-PONTY, 2019, p.241). No entanto, diferente de alguns de seus interlocutores, encontramos em uma nota de *O Visível e o Invisível* (2019, p.230) uma breve declaração explícita de sua defesa da metafísica, em que ele destaca sua importância, porém, ao se considerar que “*esta não está mais no infinito do que na finitude de fato*”. Ou seja, sua ontologia, portanto, não exclui a metafísica, pois há universalidade e transcendência na carne, mas, nunca fora dela.

Isto é, em sua ontologia, não nos cabe falar de um ser infinito e um outro ser finito. O infinito para ele não é o infinito positivo da infinidade [un-endlichkeit], mas um infinito negativo, do inesgotável, de deiscência, abertura [offenheit]. Ele deseja, portanto, denunciar o infinito positivo como uma idealização em abandono do mundo da vida, pois esse falso infinito nos blindaria, inclusive, de pensar sobre a nossa relação com o próprio infinito verdadeiro.

Segundo Xavier Tilliette (1970, p.164), a encarnação do cristianismo “*simboliza o abraço do infinito e do finito no homem (...) de Deus feito homem e do homem feito Deus*”, por isso, “*o Deus feito homem do cristianismo é aceito pelo filósofo da encarnação*”. Todavia, é importante frisar que o comentador afirma, nesse mesmo texto, que a filosofia de Merleau-Ponty é uma filosofia do início ao fim sem absoluto. E é esse ponto crítico que nos coloca em um dilema existente entre os estudiosos do autor. Essa afirmação de Tilliette é apontada por Emmanuel de Saint-Aubert (2008) como um possível equívoco de quando se limita a pensar toda sua filosofia pelos moldes da fase crítica do autor, em que esse problema não havia sido explorado suficientemente³. A presente análise, portanto, concorda que o problema do absoluto, embora não tenha sido abarcado suficientemente pela fenomenologia, será amplamente retomado em sua ontologia. Principalmente ao se elaborar o elemento primordial de sua ontologia, a *carne*. Com isso, Merleau-Ponty realmente nega e continua a negar um absoluto, porém, nas palavras de Saint Aubert (2008, p. 402) “*porque sua intenção - a intenção usual de um ‘crítico de ídolos’ - é despertar um outro sentido do absoluto e uma outra relação com ele*”⁴. Isto é, na ontologia de Merleau-Ponty, ele, o Absoluto, resiste a toda forma de objetivação e de posseção intelectual, mas se abre “*por uma participação carnal em seu próprio ser*”⁵ (SAIN AUBERT, 2008, p. 394).

Logo, reconhece-se de fato uma negação persistente de um absoluto, mas daquele absoluto positivo, definido, que para Merleau-Ponty é idealização. Portanto, em uma linguagem teológica, para que Deus não seja um ídolo, ele deve ser encarnado e sensível ao coração; esse registro pascaliano e cristão de Merleau-Ponty em sua linguagem ontológica significa que “*nos juntamos a ele por sua carne, ou então o ser ainda é um objeto*”⁶ (SAINT AUBERT, 2008, p. 392).

1.1 A CARNE DO MUNDO E A CARNE DA LINGUAGEM

A filosofia da carne trata da *Carne do Mundo* da qual é feita também a minha carne. Há uma unidade maciça do Ser que me engloba e engloba tudo. Merleau-Ponty chega a dizer, em *O Visível e o Invisível* (2019, p.136), que “*O mundo é a carne universal*”. No registro da carne, isto é, com a Carne do Mundo, só nos fazemos entender e ainda, falamos e podemos ser compreendidos, porque, antes, somos parte de um mundo sensível comum silencioso, um mundo selvagem e comum a todos.

Ora, essa carne que se vê e se toca não é toda a carne, nem essa cor-

3 De fato, nota-se que nestes trechos Tilliette acaba se limitando a citar textos do período fenomenológico, e, talvez, se esquece de considerar a importância, ressaltada pelo próprio comentador, ao surgimento da ideia de *carne* em sua filosofia madura.

4 Tradução própria. [c'est aussi et avant tout parce que son intention – l'intention habituelle d'une « critique des idoles » – est de réveiller un autre sens de l'absolu, et un autre rapport à lui].

5 Tradução própria. [par une participation charnelle à son être propre : une participation à son infini même].

6 Tradução própria. [on le rejoint par sa chair ou bien l'être est encore un objet].

poreidade maciça, todo o corpo. A reversibilidade que define a carne existe em outros campos, (...) Essa nova reversibilidade e a emergência da carne como expressão constituem o ponto de intersecção do falar e do pensar no mundo do silêncio (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 142).

A Natureza, em seu registro, é um silêncio sensível, o que significa que seu silêncio não é um nada e seu espaço não é mera extensão, é espaço de nascimento, de transcendência e de encontro. É uma região de sentido, porém de sentido selvagem. À vista disso o autor nos fala de um espírito selvagem. Para sua ontologia, há um *logos do silêncio* de uma produtividade originária que não é a nossa, mas que permanece sob toda a criação humana.

Nessa região selvagem, que ele chama também de espaço estético, as categorias já instituídas para nós, como essência/existência, alma/corpo, exterior/interior, nos são oferecidas de forma embaralhada. Todavia, essa indiferenciação não é um caos, é apenas o lugar anterior às idealizações, mas, é também, o lugar de onde elas nascem. É o silêncio visível de onde nasce o *logos da linguagem*. Um sentido mudo que faz falar. Nesse processo de nascimento “é como se a visibilidade emigrasse para um outro corpo, menos pesado, mais transparente. Como se mudasse de carne, abandonando a carne do mundo sensível para a carne da linguagem” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 150).

1.2 A EXPERIÊNCIA E A FÉ PERCEPTIVA

Segundo Merleau-Ponty (2019, p. 200), diferente da intencionalidade da consciência pura, no âmbito da experiência perceptiva não há um ato, mas uma “*transcendência silenciosa*” ou ainda uma “*intencionalidade latente*”, que não se sabe de onde vem. Pois o *percebido* não aparece em um ato da percepção. O percebido é “*a razão desse ato, não o inverso*” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 177). Assim o autor defende que a fenomenologia deve conservar uma região de transcendência como a abertura ou deiscência que abrange um mistério. Com a transcendência não há produção, mas nascimento. Portanto, segundo o filósofo: “*É somente regressando à fé perceptiva para retificar a análise cartesiana que faremos cessar a situação de crise em que se encontra nosso saber quando acredita fundar-se sobre uma filosofia que as suas próprias tentativas destroem*” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 38).

Uma filosofia que sabe que se faz de dentro da vida não fala sobre o ser, ela nasce no ser, do meio dele e por ele. Por isso, “*a filosofia não é ciência, porque a ciência acredita poder sobrevoar seu objeto (...) ao passo que a Filosofia é o conjunto das questões onde aquele que questiona é ele próprio posto em causa pela questão*” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 39). Isto é, essa filosofia não pode ser feita a partir de um olhar que pensa estar do lado de fora. Sua ontologia está embolada com o ser, imbricada com ele, Criador e criatura se misturam.

À vista disso, ele procura falar por uma lógica primordial da experiência sobre a experiência. E uma vez na experiência podemos dizer apenas: há o ser, há alguma coisa, e

não, só há o ser ou o nada não é. Ele procura, justamente, por uma dialética que não parta da tese e nem vá em direção a uma síntese, pois ela permanece sem fim. Observe que a sua dialética é feita dentro de um único ser, e não entre dois. E por essa razão, também, ele diz que sua filosofia não parte da *existência*, pois, dizer que se parte da existência já é uma tese. Ou seja, sua ontologia fenomenológica, por ter seu ponto de partida em uma experiência primária, não pode partir nem de uma tese positiva: *só o ser é*, mas tampouco da tese negativa: *o nada não é*. Portanto, ao invés de *ser e nada*, ele prefere falar *visível e invisível*, pois “é preciso compreender que é a visibilidade mesma quem comporta uma não-visibilidade” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 226). Essa filosofia se faz aquém do juízo. E é por isso que ele diz que ela é feita a partir de uma fé, que ele chama de *fé perceptiva*.

O saber absoluto do filósofo é a percepção (...) A percepção funde tudo porque, por assim dizer, nos comunica uma relação obsessiva com o ser, que está perante à nós e, todavia, nos atinge interiormente (...) é na percepção actual e presente, não em qualquer gênese hoje completa que devemos procurar nossa relação *ôntica* com as coisas (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 25).

A fé, aqui, é da ordem de uma confiança, de uma adesão. Nas palavras dele, *é fé*, justamente, “*por ser uma adesão que se abre para além das provas*” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 39). Esta fé perceptiva que temos de estarmos vinculados ao mundo não procura por provas, o mundo não é afirmado, nem provado, ele é evidente. O autor destaca que os métodos científicos que procuram por provas não compreendem o que seja a fé perceptiva. Por isso seu caminho é diferente daquele de uma ontologia que procura por provas, que fala de um Ser Pleno, de um Infinito positivo, ou ainda, de um *Ens Realissimum*, pois o Ser pleno, segundo ele, é um ser plano, sem profundidade, é idealização.

1.3 A VERDADE, O LOGOS ENCARNADO E O MISTÉRIO

A Natureza, a Carne do Mundo é eternidade existencial, por isso, está sempre no presente e sempre nova. Não há um movimento de retorno à origem ou a uma causa primeira, mas “*uma única explosão de ser que é para sempre*” (MERLEAU-PONTY, 2019, p. 240). O Ser, para ele, é o Ser Vertical, Ser de profundidade. Ele não é plano, nem planificável. Não é, também, um Ser horizontal que se desenrola no tempo. É Ser de aglomeração, uma eternidade vertical que permanece. A sua filosofia reconhece e expressa em sua própria constituição, sua condição de não estar fora do seu “objeto”, de não sobrevoá-lo.

Ele diz que as palavras mais cheias de verdade, ou de filosofia, sabem que não são uma luz jogada sobre um mundo obscuro, pois sabem que não falam do lado de fora do mundo. A linguagem não fala em paralelo, ela fala de dentro do ser e de dentro do mundo. Ela também é carne, visível e invisível. Por isso, não fala só pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo silêncio sensível em que se faz. Portanto, está dentro de nós e fora de nós.

Isso implica que não estamos nunca em posse total da linguagem, pois ela nos possui mais do que nós a possuímos. Merleau-Ponty diz em linguagem quase bíblica na obra *Signos* (1991, p. 43) “é ela mesma que se desvela e se ensina a toda criança que vem ao mundo”. Ou seja, a linguagem, a palavra, é um desdobramento do mundo. E ao considerarmos a linguagem como um desdobramento do mundo, haverá também o invisível ou um *silêncio* ali, nela mesma. Sendo assim, a linguagem viva, encarnada, não esclarece o segredo do mundo. Ela é, ela mesma, um mundo e, portanto, também é misteriosa. Esse segundo ser, ou segunda visibilidade, duplica o enigma ao invés de desaparecer com ele, afinal, não se explica um enigma, você o decifra.

Portanto, não haverá revelação completa. Não haverá, nunca, uma presença transparente da Verdade diante de nós. O *logos*, que estava no mundo, mas o mundo não o reconheceu, não é transparência, mas presença carnal. Isto é, presença e ausência, pois é visibilidade espessa e profunda, visível e invisível.

Em *Signos* (1991, p.156), Merleau-Ponty expressa seu reconhecimento do cristianismo como um emblema da verdade e da superação de si por si mesmo. O autor nos aponta como Husserl, semelhante a Santo Agostinho e Hegel⁷, por fim, descobriria uma identidade entre o *retorno a si* e o *sair de si*, pois um dos resultados das pesquisas filosóficas desses autores foi compreender que o movimento de “*retorno a nós mesmos, fica como dilacerado por um movimento inverso que ele suscita*” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 177). Ou seja, o filósofo chegaria ao reconhecimento do paradoxo de que entrar em si é o mesmo que sair de si, pois quando me faço conhecer verdadeiramente, não sou a mim quem encontro.

Para o nosso autor, o cristianismo nos fala de um mistério na relação homem e Deus, principalmente por ser a religião do Deus feito homem, mas, também, por ser aquela em que o Cristo morre. O cristão não procura por um Deus que é uma força, ou causa atrás de nós, em um além mundo, mas, tampouco, em uma coincidência panteísta. Portanto, o cristianismo viveria dentro desse paradoxo de não ser nem um nem outro. Em *Elogio da Filosofia* (1998), esse paradoxo é pensado ao dialogar com a filosofia de Bergson, onde ele ressalta que o Deus criador do mundo não está fora do mundo. Isto implica que Deus não está nunca separado do homem histórico, mas também não se encerra nele.

Em relação ao Deus que é força, a nossa existência era um fracasso, e o mundo uma decadência, (...) Ao Deus que está do lado dos homens corresponderá, pelo contrário, uma história prospectiva que é uma experiência em busca da realização (MERLEAU-PONTY, 1998, p.35).

Ou seja, em sua ontologia há um Ser que carrega em si o todo, o positivo e o negativo, o visível e o invisível. Podemos compreender o valor filosófico desse mistério, mas não

7 Esse tema é abordado no cap. VI de *Signos*, intitulado: O filósofo e sua sombra.

podemos explicá-lo. Assim sendo, não deixará nunca de ser um mistério. Contudo, é um mistério visível.

Isso significa que não haverá nunca a posse do todo ou da verdade absoluta, pois não existe o lugar único dele. O Todo está presente, desde o início, em toda parte, também como a ausência que pede por uma ação, como tarefa a cumprir.

CONCLUSÃO

Finalmente, com essa análise, ressalta-se que é importante reconhecer o valor essencial daquilo que é, muitas vezes, invisível. Mas como estudar o invisível? Essa tarefa é possível e permitida pelo autor pela própria proposta de sua ontologia. Isto é, através de um mergulho no *visível*, que o autor nos permite, pois sua filosofia tem profundidade, porque ela se faz em camadas, e não em páginas, em superposição e não linearidade. Por isso, mais importante que ler suas obras, é preciso relê-las. Seu texto, portanto, tem a mesma estrutura da qual ele está se referindo, estrutura de imbricação, entrelaçamento, visível e invisível. Essa profunda filosofia não apenas fala sobre a carne, ela mesma é feita carne, ela fala pela carne.

Portanto, ao trazer a carne para o centro da sua filosofia, Merleau-Ponty intencionalmente traz para o meio do debate filosófico contemporâneo ocidental, não as influências gregas, mas, talvez, a chave para o problema grego *matéria e forma*. Pois a carne, que encontramos frequentemente em autores de origem judaica, e, também, desde o gênesis, diz algo sobre seres viventes, em uma unidade *psicofísica*. E, sem dúvida alguma, é um elemento chave para essa nova forma de pensamento e de cultura que surgira há dois mil anos, que é a cristã.

O pensamento cristão, essa novidade, ou esse advento, não fala de um movente imóvel, nem de um demiurgo, mas retoma o Deus criador dos hebreus, e, ainda, da carne de sua geração, de seu filho, e destaque: em sua imagem e semelhança.

Com efeito, essa nova abordagem, ou nova sabedoria, foi constituída junto a uma forma de pensamento e de linguagem que não é aquela dos tratados científicos. Todavia, muitas vezes os próprios cristãos abriram mão dessa sabedoria da linguagem judaica em uma idolatria persistente às luzes gregas, por exemplo, ao fascinante discurso aristotélico, que podemos encontrar no capítulo 5 do Livro VIII da Física⁸(2018), em que o Estagirita prova, através de seus argumentos, a existência de um primeiro movente imóvel que garante o movimento contínuo da natureza e, assim, estabelece um modelo de interdependência entre um ente fixo e um ente movente.

Observamos que Merleau-Ponty, ao repensar a natureza como produtividade, quer mostrar que não há a necessidade de um ente fixo para se garantir a eternidade do movimento, nem a possibilidade de transcendência. Ele pretende superar o modelo *matéria e forma*,

8 Utilizamos a tradução de C. D. C. Reeve. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2018.

pelo modelo da carne, em que há a permanência da Carne do Mundo. Isto é, um único ser, uma única eternidade existencial que não é fixa, ou imóvel, mas permanece.

Ou seja, há apenas um Ser que contém tudo. Um só espaço de nascimento e produtividade, espaço do espírito, espaço de transcendência, e, por isso, sempre novo e sempre o mesmo. Não haveria necessidade de um outro ser, ou de um ato puro, ou de uma substância/essência pura. A sua ontologia vem de um esforço em falar de uma verdade no mundo. Por isso ela recusa a plenitude e a transparência da idealização e dos sistemas.

Portanto, não se procura por uma verdade fixa, suprassensível, ou um Deus acima de nós. Mas um Deus por baixo de nós, que nos sustenta, “*pois nele vivemos, nos movemos e existimos...*”(Atos, 17, 28), afinal, porque dele somos descendência.

Isto é, no prisma cristão, é possível encontrarmos com a Verdade porque a criação é geração. A filosofia, assim como o cristianismo, pressupõe nascimento, e não podemos esquecer que todo nascimento inclui um sofrimento. Criação feita no ventre de uma mãe, e não por um artífice. Isso quer dizer que a criação é prole, descendência, que além de ser viva também dá vida, também cria. Nasce da fonte e, portanto, também é fonte. Nasce da carne, e, portanto, também é carne.

Enfim, *o que é a verdade?* Essa famosa pergunta, como toda tentativa de definição, posse, ou de fixação da verdade, acaba surgindo em uma perseguição violenta, até mesmo para seu assassinato. Portanto, uma filosofia verdadeira permanecerá seu caminho *com* a Verdade, mesmo sabendo que não há e nunca haverá a sua posse. Pois, se o Verdadeiro é o todo, a Verdade, como o todo, está presente em cada parte, também como a constante presença daquilo que nos falta...

Maurice Merleau-Ponty teve sua vida interrompida em meio a um período de grande produtividade, e, por essa razão, não teve tempo de terminar seu último livro: *O Visível e Invisível*. O que significa que uma de nossas maiores fontes é inacabada, fragmentada e cheia de fissuras, o que, todavia, não é um problema grave. Afinal, como dissemos, o todo está presente em cada parte, como tarefa a cumprir. Com isso, ressalta-se que o convite que Merleau-Ponty nos faz em sua filosofia da carne, não é o de se pensar segundo ela, mas o de se pensar com ela. É um convite a pensarmos juntos por verdades que estejam além das opiniões, e esta, talvez, seja a tarefa interminável da Filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Physics*. C. D. C. Reeve, tradução com introdução e notas. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB com Introduções e notas, oitava edição, São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Elogio da Filosofia*, tradução de Antônio Braz Teixeira, Lisboa, Guimarães Editores, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. 4a edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

SAINT AUBERT, Emmanuel de. “*L’incarnation change tout*” *Merleau-Ponty critique de la “théologie explicative”*, Paris, Centres Sèvres, Archives de Philosophie, 2008, pág. 371 a 405. DOI : 10.3917/aphi.713.0371. URL : <https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2008-3-page-371.htm>

TILLIETTE, Xavier, *Merleau-Ponty ou la mesure de l’homme*. Bibliographie par Alexandre Metraux (Philosophes de tous les temps, 64) Paris, Seghers, 1970.